A Conquista de Ceuta

A história de como e por que se deu a tomada de Ceuta pelo Rei Dom João I de Portugal no final do século XIV

HISTÓRIA E LIBERDADE

JUL 20, 2026

Painel de azulejos de Jorge Colaço (1864 - 1942) na Estação de São Bento, no Porto: o Infante Henrique na conquista de Ceuta..

A **Conquista de Ceuta** foi um dos mais importantes acontecimentos que antecederam e das grandes navegações portuguesas, os descobrimentos e futuras conquistas de Portugal no Oriente, produto da visão do Rei Dom João I, sob influência de seu filho o Infante D. Henrique, que tinha como objetivo não apenas conquistas territoriais e rotas comerciais, mas, principalmente, a expulsão dos muçulmanos da

península Ibérica, defesa do mundo ocidental contra novas invasões, proteção da Igreja e expansão da fé católica pelo mundo. Sem entender isto, é impossível entender o tamanho do esforço de Portugal no domínio da navegação e conquista controle dos oceanos.[1][2]

A Tomada de Ceuta

A tomada de Ceuta por Portugal em 1415 foi uma expedição militar planejada para controlar um importante entreposto comercial no estreito de Gibraltar e iniciar a expansão ultramarina portuguesa, motivada por interesses econômicos, religiosos e políticos. A cidade foi conquistada em um ataque surpresa comandado por D. João I, com relativa facilidade militar, e depois mantida como primeiro domínio português em África.

Contexto histórico

No final do século XIV, Portugal enfrentava crise econômica: baixa produção agrícola, falta de mão de obra e endividamento do Estado, o que levou a Coroa a buscar alternativas de expansão para superar esses problemas. Ao mesmo tempo, o reino estava consolidando seu poder interno após a crise de 1383–1385, e D. João I procurava reforçar o prestígio da nova dinastia de Avis perante a nobreza e a Europa cristã.[3]

Por que Ceuta?

Ceuta ficava na margem africana do estreito de Gibraltar, controlando uma das saídas das rotas de comércio entre o Mediterrâneo, o Atlântico e o interior africano. Por ali transitavam caravanas ligadas ao comércio de ouro africano e outros produtos, o que fazia da cidade um ponto estratégico para dominar parte dessas rotas e flanquear a rival Castela.[4]

Além do fator econômico, havia motivações religiosas ligadas ao espírito de ***Cruzada*** e ***Reconquista***, já que Ceuta era uma praça

muçulmana e a Igreja apoiava a luta contra os “infiéis” e a expansão do cristianismo. Autores também destacam motivos de prestígio: os filhos de D. João I desejavam glória militar para serem armados cavaleiros em um grande feito de guerra, o que pesou na escolha de uma expedição de conquista.[5]

Preparação da expedição

Depois de decidido o alvo, o governo português investiu na construção de navios de guerra e na preparação de uma grande armada. Em agosto de 1415, uma frota que as fontes apontam em torno de 200 a 212 navios saiu do Algarve (Faro/Tavira), levando mais de 20 mil combatentes e outros autores mencionam até cerca de 45 mil homens, evidenciando a dimensão da operação.

A burguesia financiou parte da campanha esperando lucros com o controle do comércio, enquanto a nobreza via a conquista como oportunidade de ampliar terras e manter títulos, e a população pobre enxergava ali uma chance de melhorar suas condições por meio do saque e da possível migração.[6]

Muralhas construídas pelos Portugueses em Ceuta - Fonte

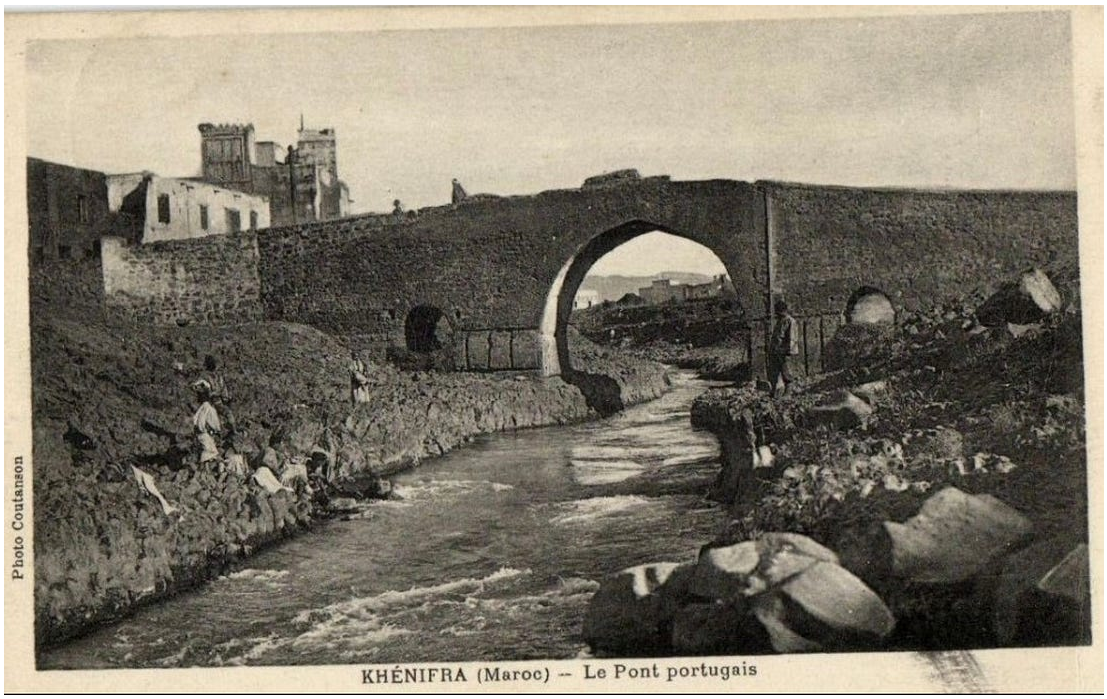
Como foi a tomada militar

A armada aproximou-se secretamente de Ceuta e, na madrugada/manhã de 21 de agosto de 1415, os portugueses desembarcaram nas proximidades da cidade e lançaram um assalto surpresa. Os defensores muçulmanos foram pegos desprevenidos, e as fontes descrevem que a resistência foi fraca, com a cidade sendo tomada ainda no mesmo dia.

Relatos portugueses mencionam milhares de mouros mortos e apenas alguns poucos baixas do lado luso (em certas versões, oito homens, apedrejados na praia do desembarque), o que reforça a imagem de uma vitória rápida e decisiva. Após a captura, Ceuta foi saqueada e rapidamente colocada sob administração portuguesa, com a Coroa decidindo permanecer na praça apesar das dificuldades posteriores.[7]

Consequências e importância

A conquista de Ceuta não trouxe de imediato os lucros comerciais esperados, pois o fluxo de mercadorias e ouro africano desviou-se para outras rotas e portos, frustrando parte das expectativas da burguesia e da nobreza. Mesmo assim, a posse de Ceuta tornou-se símbolo do prestígio militar e religioso de Portugal, reforçando a imagem de D. João I e da dinastia de Avis perante a Europa e a Igreja. [8]



Ponte Portuguesa em Khenifra sobre o Qued Oum Er-Rbia - Fonte

Influência sobre os Descobrimentos

Historiadores costumam ver a tomada de Ceuta como marco inicial da expansão ultramarina portuguesa e dos “Descobrimentos”, pois, a partir desse domínio em África, o reino aprofundou sua política de navegação oceânica e conquista de novas praças e rotas comerciais.

A conquista de Ceuta funcionou como ponto de partida e catalisador das explorações portuguesas na costa atlântica africana, ao mesmo tempo revelando os limites da estratégia terrestre no norte de África e

empurrando a Coroa para uma expansão marítima sistemática sob liderança do Infante D. Henrique. A partir do “fracasso” econômico de Ceuta, o foco deslocou-se para ilhas atlânticas e para a costa ocidental africana, inaugurando rotas, feitorias e um novo tipo de império baseado em navegação. [9]

Do problema de Ceuta ao “virar para o mar”

Depois de 1415, Ceuta mostrou-se uma conquista mais simbólica do que lucrativa: o comércio que ali passava foi desviado pelos mercadores muçulmanos para outros portos, esvaziando o esperado fluxo de ouro, marfim e escravos. A manutenção da praça exigia recursos constantes (guarnição, abastecimento de alimentos), o que agravava a pressão sobre os cofres portugueses.Esse “impasse” levou a uma revisão da estratégia: conquistar cidades muçulmanas no norte da África dava prestígio religioso e militar, mas não garantia o controle efetivo das rotas vindas do interior africano. A solução passou a ser ir atrás das mercadorias diretamente pela via marítima, explorando o litoral atlântico, onde não havia grandes potências muçulmanas com o mesmo poder de bloqueio comercial.[10]

Papel do Infante D. Henrique

O Infante D. Henrique nasceu numa na cidade do Porto. Era o quinto filho do rei D. João I, fundador da Dinastia de Avis e de Dona Filipa de Lencastre.

Em 1414, convenceu seu pai a montar a campanha para a conquista de Ceuta, na costa norte-africana junto ao estreito de Gibraltar. A cidade foi conquistada em agosto de 1415, assegurando ao reino de Portugal o controle das rotas marítimas de comércio entre o Atlântico e o Levante. Na ocasião foi armado cavaleiro e recebeu os títulos de Senhor da Covilhã e duque de Viseu.[11]

Dom Henrique, que participou da campanha de Ceuta e ficou ligado à administração da cidade, tornou-se a figura central da mudança de orientação para o mar. Enquanto as praças norte-africanas se revelavam pouco rentáveis para a burguesia, Henrique organizou expedições ao longo do Atlântico africano em busca de novas rotas, riquezas e também de objetivos religiosos, como o mítico reino cristão de Prestes João.[12]

Essas expedições, saindo em grande parte do Algarve e do sul de Portugal, impulsionaram o aperfeiçoamento de técnicas de navegação, cartografia e construção naval, acumulando experiência que seria decisiva para avançar cada vez mais ao sul da costa africana. Assim, Ceuta funcionou como "escola de frustração" que justificou politicamente o investimento contínuo nas viagens oceânicas que Henrique patrocinou.[13]

Fortaleza de San Vicente - Fonte

Ceuta como base e retaguarda

Apesar dos problemas, Ceuta não foi abandonada de imediato e atuou como ponto de apoio político e logístico para a presença portuguesa no norte de África. A cidade permitia certa projeção militar sobre o litoral marroquino e servia de elo entre a frente terrestre norte-africana e a rota atlântica que se abria para sul.

O abastecimento de Ceuta ajudou a impulsionar a ocupação das ilhas atlânticas (como Madeira e Açores), cuja produção de cereais e gado passou a suprir tanto Portugal quanto a própria praça norte-africana, integrando esses espaços numa rede em formação. Essa rede, por sua vez, dava segurança e infraestrutura às viagens que iam progressivamente sondando o litoral da "Guiné" (costa do Senegal e além). [14]

Ultrapassar o Cabo Bojador e seguir pela costa

Um marco ligado ao ciclo aberto por Ceuta foi a ultrapassagem do Cabo Bojador, em 1434, pelo navegador Gil Eanes, em expedição organizada sob a órbita de D. Henrique. Até então, Bojador era visto como limite assustador da navegação africana; vencê-lo abriu caminho para explorar de fato a costa

Nas décadas seguintes, os portugueses avançaram até regiões como Cabo Branco (Mauritânia), onde fundaram em 1445 a feitoria de Arguim, primeiro entreposto estável para transações com povos da África subsaariana, a "Guiné" dos textos da época. Esse desenvolvimento comercial — ouro, escravizados, outros produtos — era precisamente o que se buscara em Ceuta, mas agora obtido diretamente pela navegação de cabotagem e pela criação de feitorias costeiras.

Legitimação religiosa - As Bulas do Atlântico

O impulso pós-Ceuta para explorar a costa africana ganhou reforço com o apoio do papado, que, em bulas como "***Dum Diversas***" (1452) e "***Romanus Pontifex***" (1455), concedeu a Portugal o direito de navegar, conquistar e escravizar povos africanos considerados "infiéis". Esse enquadramento reforçava o argumento de que a expansão marítima era prolongamento da luta contra os muçulmanos iniciada em Ceuta, mas agora por outros meios. [15]

Historiadores identificam, assim, uma cronologia em que a colonização portuguesa em África começa simbolicamente com a conquista de Ceuta e se desdobra na exploração sistemática da costa atlântica, feitorias e comércio de longa distância. Em termos de longa duração, Ceuta é o "marco zero" político e psicológico dos Descobrimentos, que redirecionaram Portugal de um projeto de conquista de cidades para um projeto de controle de rotas marítimas e de economia globalizada nascente.

✔ Inscrito

Compartilhar

Deixe um comentário

---

1 Crônica da Tomada de Ceuta por El Rei D. João I - Gomes Eanes de Zurara - archive.org

2 Zurara, G. E. d. (2017). Crónica Da Tomada de Ceuta Por El Rei D. João I -

Google Books

3 Histórias de Portugal em Marrocos - Frederico Mendes Paula

4 Conquista de Ceuta

5 Um Lição sobre a Conquista de Ceuta - RTP Ensina

6 O que foi a Conquista de Ceuta

7 Conquista de Ceuta - Wikipedia

8 A conquista de Ceuta: um dia de combate - RTP Ensina

9 História da colonização portuguesa em África - Deutsche Welle

10 Conquista de Ceuta - Slideshare

11 Infante D. Henrique - Wikipedia

12 Anotações ao Estudo do Infante Dom Henrique - Convergência Lusíada

13 Descobrimentos e as marcas da colonização - National Geografics

14 Ceuta - Para além da Terra dos Mouros - Katia Brasilino Michelam

15 As Bulas do Atlântico - História e Liberdade